



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CAMGIRL E A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL NA INTERNET NO BRASIL

Roseli Bregantin Barbosa¹

roseli.bregantin@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O tema da pesquisa versa sobre a prestação de serviços eróticos femininos, via internet, no Brasil. Tem por objeto a atividade de *Web Stripper*, *WebCam Model*, ou *CamGirl* exercida por mulheres que se propõem a atender pedidos de clientes, online, desde uma simples conversa até a realização de strip tease, encenação onanista ou simulação sexual frente à webcam. Não se confunde com a prostituição, por não haver contato físico entre atendente/cliente, é classificada como “telessexo”. A atividade de *CamGirl* está disseminada em sites de conteúdo adulto ou “+18” na Internet, com apelos etários, de nacionalidades, de gêneros, de orientações e preferências sexuais diversos. No presente artigo limito o recorte da pesquisa às modelos na faixa de 18 a 35 anos, no Brasil. O objetivo com a pesquisa dessa temática é inseri-la no debate socioantropológico e jurídico acerca do trabalho sexual, e contribuir com ele introduzindo discussão sobre novas relações de trabalho no mercado do sexo - empreendedorismo, autoemprego, relação de emprego disfarçada e “uberização”. As perguntas que norteiam a pesquisa são: quais modalidades de trabalho, conceitos e inovações estão implicadas na atividade de *CamGirl*, e o que determina o sucesso de uma modelo nesse setor; que conceitos ligam tecnologia de informação ao trabalho sexual na Internet. [Por se tratar de pesquisa em andamento em muito se avançou em um ano (desde a aprovação do resumo inicial) e se fizeram necessárias algumas alterações no resumo apresentado inicialmente]. Até o presente estágio da pesquisa trabalho com a hipótese de que a atividade de *CamGirl* é uma ocupação do ramo da pornografia reestruturada, com demandas de autoemprego, e de relações de emprego disfarçadas, essa atividade liga tecnologia da informação e trabalho sexual pelo viés dos conceitos de racionalidade neoliberal e uberização. A metodologia é apoiada em técnicas variadas, mas principalmente em entrevistas semi-estruturadas e etnografia virtual.

RESUMEN

El tema de la investigación versa sobre la prestación de servicios eróticos femeninos, vía internet, en Brasil. Se trata de la actividad de *Web Stripper*, *WebCam Model*, o *CamGirl* ejercida por mujeres que se proponen atender peticiones de clientes, online, desde una simple conversación hasta la realización de strip tease, escenificación onanista o simulación sexual frente a la webcam. No se confunde con la prostitución, por no haber contacto físico entre atendido / cliente, es clasificada como "telessex". La actividad de *CamGirl* está diseminada en sitios de contenido adulto o "+18" en Internet, con llamados de edad, de nacionalidades, de géneros, de orientaciones y preferencias sexuales diversas. En el presente artículo limito el recorte de la investigación a las modelos en la franja de 18 a 35 años, en Brasil. El objetivo con la investigación de esta temática es insertarla en el debate socioantropológico y jurídico acerca del trabajo sexual, y contribuir con él introduciendo discusión sobre nuevas relaciones de trabajo en el mercado del sexo - emprendedorismo, autoempleo, relación de empleo disfrazada y "uberización". Las preguntas que orientan la investigación son: qué modalidades de trabajo, conceptos e innovaciones están implicadas en la actividad de *CamGirl*, y lo que determina el éxito de una modelo en ese sector; que conceptos vinculan tecnología de información al trabajo sexual en Internet. [Por tratarse de investigación en marcha en mucho se avanzó en un año



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(desde la aprobación del resumen inicial) y se hicieron necesarias algunas modificaciones en el resumen presentado inicialmente]. Hasta la presente etapa de la investigación trabajo con la hipótesis de que la actividad de CamGirl es una ocupación de la rama de la pornografía reestructurada, con demandas de autoempleo, y de relaciones de empleo disfrazadas, esa actividad conecta tecnología de la información y trabajo sexual por el sesgo de los conceptos de racionalidad neoliberal y de uberización. La metodología es apoyada en técnicas variadas, pero principalmente en entrevistas semi-estructuradas y etnografía virtual

Palavras-chaves: Onanismo; Racionalidade neoliberal; Trabalho sexual; Uberização.

Palabras claves: Onanismo; Racionalidad neoliberal; Trabajo sexual; Uberización.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Se nos processos do capitalismo o trabalho se transforma em prostituição e a representação em pornografia, é possível entender os corpos sexuados como productos dos regimes prostitucionais do mercado e da imagen (PAVEZ; KRAUSHAAR, 2011). **Tradução nossa.**

O presente artigo versa sobre pesquisa qualitativa acerca da atividade de *CamGirl* ou *CamModel*, através da qual também investigo as estratégias da “indústria” pornográfica que está por detrás desse serviço. Para a realização da atividade de *CamModel* três funções são essenciais: a de modelo, a de administrador de plataformas virtuais e a de recrutador de modelos. Uma plataforma virtual é um site, com capacidade de servidor, que hospeda páginas de terceiros - exemplo: Facebook, Instagram, entre outros. Tanto a modelo quanto o recrutador têm sala nas plataformas virtuais. As “salas” são páginas da web configuradas para transmissão online de texto, áudio e vídeo, hospedadas em plataformas virtuais. Em sites de pequeno porte o administrador e o recrutador podem ser a mesma pessoa, já em plataformas maiores são sempre pessoas diferentes, pois essas megaplataformas hospedam as menores (plataformas hospedando plataformas). A sala do recrutador não é visível ao público, funciona através de links e formulários, somente a sala virtual da modelo é percebida pelo usuário comum. Nessa pesquisa concentro-me na função das modelos, e faço apenas breves incursões acerca das funções de administrador e recrutador.

O acesso à *CamGirl* é simples e fácil, o cliente entra no site, geralmente direcionado por outros sites dedicados a conteúdos pornográficos onde são disseminadas as chamadas publicitárias das *CamGirls* (seja em forma de *pop-up* ou de seção no menu do site pornô que serve como *link* para o site das modelos). Ao entrar no site das *CamGirls* o cliente se encontra em uma sala virtual coletiva onde ele assiste a apresentação da modelo e pode sugerir atividades para que ela realize. Essa área coletiva tem preços menores (cerca de R\$1,35/minuto) e oferecem atividades eróticas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

menos explícitas. Caso se interesse, o cliente pode solicitar a atenção exclusiva da modelo em chat privado (cerca de R\$2,40/minuto), e fazer pedidos mais íntimos e sensuais, pode sugerir que ela faça movimentos, danças, tire ou vista roupas, utilize brinquedos eróticos, etc., desde que não contrarie as regras da casa. Essas regras são definidas pela modelo, ou pela plataforma que hospeda sua sala virtual, dizem respeito ao que ela pode e está disposta (ou não) a oferecer. As modelos ou os sites que hospedam suas salas (empresas-plataformas) determinam os pedidos permitidos e proibidos em suas salas, caso a norma seja desobedecida o cliente é desconectado.

Na maioria das salas as proibições versam sobre sexo abusivo, violento ou bizarro (comumente zoofilia e sadomasoquismo). Há também as modelos que se dispõem apenas a conversar e a agir como uma namorada virtual, sem atividade sexual mais explícita.

A atividade não se confunde com a prostituição, é uma modalidade de telessexo - oferece serviço sexual à distancia - com características que a aproximam mais da pornografia, porém não uma pornografia tradicional, o cliente não se comporta como mero espectador, e sim como ator e diretor das cenas. A princípio classifico essa atividade como “pornografia interativa online”, em razão das peculiaridades que a diferenciam de atividades afins (prostituição, pornografia e dança erótica).

O objetivo dessa investigação é inserir a temática no debate socioantropológico e jurídico acerca do trabalho sexual, e contribuir com ele introduzindo análises sobre o modelo de “economia compartilhada” ou “uberizada” aplicado ao mercado do sexo na Internet. Nessa pesquisa investigo especificamente a uberização na pornografia, onde está inserta a atividade tomada como objeto de estudos, no entanto, o modelo de compartilhamento, apresentado no molde de empresa-plataforma, também intermedeia serviços oferecidos por outros profissionais do sexo como as prostitutas e os michês no Brasil - via aplicativos, semelhantes aos utilizados por empresas de serviços de taxi e/ou carona - como a “Uber”.

Para atingir o objetivo desenvolvo algumas questões: quais modalidades de trabalho, conceitos e inovações estão implicadas na atividade de *CamGirl*; que conceitos ligam tecnologia de informação ao trabalho sexual na Internet. A hipótese com a qual trabalho é a de que a atividade de



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CamGirl é uma modalidade do telessexo que liga tecnologia e trabalho sexual pelo viés dos conceitos de racionalidade neoliberal e uberização (que serão desenvolvidos no tópico II).

II. Marco teórico/marco conceptual

Não foram identificados no Brasil - até o presente momento - estudos no âmbito da Sociologia do Trabalho acerca do trabalho sexual, nem qualquer discussão acerca da atividade de *CamGirl*, apenas algumas discussões sociológicas na linha de gênero e sexualidade que discutem pornografia e/ou prostituição.

Porquê estudar esse tema e resgatá-lo da sua invisibilidade? Qual a importância que um estudo sobre trabalhadoras do sexo na Internet pode ter?

É dever do pesquisador desvendar o que se coloca por detrás da cena pública. O obsceno enquanto aquilo que se coloca sob a cena pode ter muito a revelar sobre a sociedade que partilhamos. Ele se faz na incontinência do que se mostra e se esconde, ou se esconde para que a sua aparição se torne um produto comerciável, como é o caso das *CamGirls*. É possível que a invisibilidade dessa atividade se dê por razões de estratégia de trabalho, por força do estigma ligado aos profissionais do sexo, e por questões de segurança das modelos, porém ela pode ser em maior medida o resultado do estatuto de obscenidade imposto às atividades ligadas ao sexo.

O obsceno é aquilo que a sociedade não permite que venha à cena social, mas permite que exista dentro dos limites determinados a ele. A pornografia, a prostituição, por exemplo, são toleradas dentro dos espaços sociais destinados a elas e de acesso restrito ao público em geral (MORAES, 2013). Porém, quando estas tomam as ruas ou a cena pública são condenadas e rechaçadas pelos mesmos que delas fazem uso. Esse tratado social da obscenidade parece ser também válido na academia no Brasil onde, em que pese a prática da prostituição exista desde a colonização do país e a regulação do trabalho sexual seja vigente há mais de 5 anos, nenhum trabalho sobre o trabalho sexual existe, até o presente momento, sobre trabalhadores do sexo na perspectiva da Sociologia do Trabalho. Mesmo na Antropologia esses trabalhos são escassos, um dos mais referenciados é o trabalho de Díaz-Benitez (2010) que demonstra em detalhes o



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

funcionamento do trabalho sexual organizado em uma rede que envolve prostituição, pornografia e dança erótica (strip tease) no Brasil. A julgar pela produção de pesquisas, o trabalho sexual não recebe a atenção devida da Sociologia do Trabalho, mesmo após a sua regulação no Brasil.

É possível inferir que é dada a essa atividade o mesmo status dispensado ao desejo e ao prazer que são relegados à esfera da intimidade. Richard Miskolci (2017), em sua obra “Desejos Digitais” chama atenção quanto à invisibilidade do desejo na Sociologia, que o relega ao plano da vida privada, desconsiderando todo o seu poder no plano da ordem social. Illouz (2014) também aponta que a sexualidade e o sexo devem ser assuntos centrais para o sociólogo, que deve se abster em suas análises dos juízos de valor.

Essas posturas epistemológicas chamam atenção da Sociologia à atividade sexual enquanto objeto sociológico, tirando-a da esfera privada, o que contribui para a compreensão do sexo enquanto trabalho, considerado o entendimento de que trabalho é algo que se coloca na “cena pública” (GORZ, 2007) útil a outros indivíduos, além de quem o produziu. Com o advento da Internet e a possibilidade de prestação de serviços sexuais de forma virtual, a divisão entre a cena pública e o privado/íntimo/doméstico se tornou bastante tênue, não há como negar caráter público ao que está publicado na Internet.

Hoje vivemos em um mundo em que as relações são crescentemente mediadas tecnologicamente, o que torna patente a falácia da oposição real/virtual e cada vez mais clara a existência de um contínuo on-line/off-line. Oposições entre privado e público, subjetividade e vida coletiva parecem estar sendo progressivamente erodidas sem que tenhamos cunhado um novo vocabulário analítico a partir do qual possamos compreender nosso novo contexto e a nós mesmos (MISKOLCI, p. 677-678, 2017).

Há ainda no Brasil, no senso comum, a percepção de trabalho sexual como crime ou contravenção penal. No entanto, o trabalho sexual mais conhecido e antigo é a prostituição, e esta nunca foi um crime na legislação brasileira (Brasil, 2017). Essa confusão se dá pela criminalização do rufianismo ou favorecimento à prostituição (art.230 do Código Penal Brasileiro), esses sim, tipificados como crime no Código Penal Brasileiro. A atividade de *CamGirl* não é prostituição, logo o seu favorecimento não é considerado crime.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em 2012 houve a regulação do trabalho sexual no Brasil, com classificação na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) sob o código 5198-05 que identifica a prostituta, o michê e outros profissionais do sexo. Além destes, outro trabalho sexual tem classificação oficial, este pela CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas) o Disk Sexo/Telessexo/Disk-Amizade sob o número 96090. Ainda que parte da sociedade não aceite o trabalho sexual como um trabalho, o Estado brasileiro o reconhece como tal. A pergunta é “que forma de trabalho é essa?”

É possível afirmar que de acordo com os conceitos adotados pelo IBGE, a atividade de *CamGirl* pode se enquadrar em “ocupação remunerada” e/ou em empreendimento, o que leva ao conceito de “empreendedorismo” que será abordado adiante.

Definiu-se como empreendimento a empresa, a instituição, a entidade, a firma, o negócio etc., ou, ainda, o trabalho sem estabelecimento, desenvolvido individualmente ou com ajuda de outras pessoas (empregados, sócios ou trabalhadores não remunerados). Por convenção, o trabalho no serviço doméstico remunerado foi considerado como se fosse um empreendimento, independentemente do número de unidades domiciliares em que a pessoa prestava este serviço. (IBGE, p. 21, 2016).

É sabido que um empreendimento está ligado a um mercado e pode comportar várias formas de trabalho, o empreendimento que configura a atividade de *CamGirl* está inserto no mercado da pornografia virtual e prima pelas formas flexíveis e autônomas de trabalho. Este modelo vigente na pornografia disseminada pela Internet, só foi possível devido a mudanças estruturais externas e internas ao indivíduo.

[...] o capital iniciou um processo de reorganização das suas formas de dominação societal, não só procurando reorganizar em termos capitalistas o processo produtivo, mas procurando gestar um projeto de recuperação da hegemonia nas mais diversas esferas da sociabilidade. Fez isso, por exemplo, no plano ideológico, por meio do culto de um subjetivismo e de um ideário fragmentador que faz apologia ao individualismo exacerbado contra as formas de solidariedade e de atuação coletiva e social (ANTUNES, 1999, p. 47-48).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A essa ideologia subjetivista a qual Antunes (1999) se refere, LAVAL (2016) denomina “racionalidade neoliberal” que se expressa na sua forma mais extrema inculcando o ideário de empresa como forma de subjetivação nos sujeitos.

“(…) o neoliberalismo, antes que uma ideologia político econômica é, primeiramente e acima de tudo, uma racionalidade; que em consequência, tende a estruturar e organizar, não só a ação dos governantes, mas também a conduta dos próprios governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da competência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação (LAVAL, DARDOT, 2009, p.15).

Tradução nossa.

O modelo de empresa-plataforma e de “compartilhamento” (SLEE, 2017) é facilmente assimilado pelos trabalhadores devido a racionalidade neoliberal que tende a transformá-lo em sujeito-empresa e a fazê-lo acreditar, entre outras coisas, em uma tal economia compartilhada onde todos ganham. “O padrão sujeito-empresa não diz respeito a alguém que se considera empresário, mas sim um indivíduo cuja subjetivação e representação de si adotam o modelo de funcionamento e racionalização de uma empresa” (LAVAL et. al., 2009).

A economia do compartilhamento consiste em priorizar o acesso em detrimento da propriedade dos bens e serviços. Para que comprar um carro se só preciso ir de um lugar a outro? Para que comprar uma casa se posso alugar o seu uso? Para que uma furadeira se o que preciso é do furo na parede? Compartilhar o uso de um bem parece uma ideia solidária e fabulosamente econômica. Ao invés de deixar a furadeira guardada em casa compartilho com outra pessoa o seu uso e ganho por isso, enquanto que o tomador não precisa investir um valor alto em um equipamento que também iria usar poucas vezes e deixar guardado (dinheiro parado). Para tanto é necessária a confiança entre os usuários, confiança de que a furadeira será devolvida, que o motorista do carro compartilhado não irá me fazer mal, que a casa reservada no destino escolhido realmente existe. Essa confiança, em tese, é garantida por sistemas de avaliação em aplicativos utilizados para colocar em conexão quem tem um bem e quem deseja acessá-lo (SLEE, 2017). No caso específico da atividade em foco o compartilhamento se dá no uso das mega-plataformas digitais que torna mais barata a publicidade das modelos.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Uma das questões levantadas na pesquisa diz respeito à classificação da atividade de *CamGirl* no mercado de trabalho: emprego, autoemprego ou empreendedorismo. Em muitos casos esse trabalho pode ser compreendido como uma modalidade de autoemprego, quando a trabalhadora exerce diretamente a atividade, cria suas próprias condições de trabalho e dispõe de todo o capital necessário à atividade. Porém, em outros casos, além de se autoempregar ela também emprega outros modelos e lucra sobre o trabalho destas, quando a modalidade se aproxima mais do empreendedorismo. No entanto, quando a modelo ocupa sala virtual de plataforma especializada (caso das modelos entrevistadas) que cuida da maior parte da atividade como: distribuição, propaganda, cobrança e pagamento pelo serviço prestado, a modalidade se aproxima da relação de emprego - especialmente no caso das que são modelos exclusivas e trabalham até 40h semanais. Nesses casos restam presentes os requisitos previstos na legislação trabalhista brasileira: pessoalidade, habitualidade, onerosidade e subordinação, vez que essa modelo está submetida às regras da plataforma e é proibida de fazer uma série de coisas por determinação do seu administrador, como usar a sala para captar cliente para prostituição ou realizar determinadas fantasias do cliente. Muitas dessas regras são instituídas sob a alegação de proteção da identidade e integridade física da modelo, porém configuram relação de subordinação na medida em que a modelo está obrigada a cumpri-las, sob pena de suspensão de sua sala virtual da plataforma.

Lima (2008) aponta que o autoemprego vendido como promessa de autonomia e liberdade, quase nunca é uma opção do trabalhador, é falta de opção de emprego e aliado a ideia de autoemprego surge o empreendedorismo, que vende o capitalismo como um modelo igualitário (LIMA, 2008, p. 9). Este mesmo autor associa às categorias de autoemprego e empreendedorismo os conceitos de precariedade, flexibilização e informalidade (LIMA, 2009). De acordo com as análises de Burchel et. al. (1992) as categorias de autoemprego e empreendedorismo podem, muitas vezes, aparecer sobrepostas dependendo da forma como a atividade é analisada, com a inclusão ou eliminação de variáveis na análise, tais como: autonomia, subordinação, propriedade dos meios de produção, gestão do negócio, prestação direta do serviço, contratação de empregados, responsabilização pelos riscos, papel laboral do proprietário, etc. Quanto mais variáveis são inseridas, mais se ampliam os conceitos de autoemprego e de empreendedorismo (BURCHEL et.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

al.,1992). Assim, em alguns casos a atividade de *CamGirl* poderá ser classificada como autoemprego, e em outros será classificada como empreendedorismo ou relação de emprego. No entanto, considerado o conceito de autoemprego da OIT - Organização Internacional do Trabalho - que inclui pequenos empresários individuais que atuam no mesmo papel laboral que seus empregados, além de administrar a empresa (OIT, 1993, p. 2-3), todas as formas de atividade de *CamGirl* podem ser classificadas como autoemprego, com exceção das que implicam em dedicação integral a determinada plataforma-digital.

Ante a um mercado de trabalho exigente e pouco recompensador, o autoemprego ou o empreendedorismo, com o auxílio da tecnologia de informação é uma proposta sedutora, especialmente para algumas mulheres que se dispõem a abrir mão de sua privacidade e não se intimidam em compartilhar sua intimidade sexual, virtualmente, com pessoas em busca de companhia e prazer. Não se pode perder de vista que esta é uma atividade exercida majoritariamente por mulheres jovens, que trabalham por conta própria. O que remete a pesquisa à subcategoria do empreendedorismo juvenil. Quanto a essa questão, em estudo recente BEGA (2015) anota que:

Pode parecer, em suma, que se está propondo, nas franjas e nas brechas presentes no capitalismo contemporâneo, “espaço” de criatividade e (dês)alienação do trabalho. Minha percepção é que se tem, de fato, é o reconhecimento da impossibilidade de ocupação de um contingente jovem, no modelo ainda dominante de trabalho. O empreendedorismo cai, por consequência, como uma luva macia e maleável, para outras formas de exploração (BEGA, 2015, p. 11).

A baixa qualidade dos empregos oferecidos aos jovens aparece nas falas de entrevistadas que apontam os baixos salários e a quantidade excessiva de horas dedicadas aos trabalhos tradicionais como motivação para optar pela atividade de *CamGirl*. Na maioria dos casos observados as situações de autoemprego e de relações de emprego disfarçadas são as mais recorrentes.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

A metodologia da pesquisa é qualitativa e consiste em mapear formas, contextos e estruturas laborais que propiciam a atividade de *CamGirl* na Internet no Brasil. Para tanto intercalo técnicas de pesquisas que possam me levar a conhecer o que há por detrás da web cam onde se mostram as modelos do trabalho sexual virtual. Inicialmente a etnografia virtual ajudou-me a conhecer com detalhes os sites e os produtos oferecidos nessa atividade, os discursos disponíveis nos perfis das modelos e a interação dos clientes com esses discursos e com as performances apresentadas por elas. A partir daí selecionei para realização de entrevistas um grupo de 10 mulheres de idades entre 18 e 35 anos, que atuam em salas abertas para o Brasil. Entrevistei ainda 2 administradores de sites plataformas. Na pesquisa para a tese outras técnicas foram utilizadas, no entanto os dados coletados para o presente artigo foram produzidos a partir da conjugação dessas duas técnicas, entrevistas semi-estruturadas e etnografia virtual. As análises construídas a partir desses dados estão expostas no tópico a seguir.

As categorías aquí utilizadas tais como autoemprego, empreendedorismo, empreendimento, relação de emprego disfarçada, bem como o conceito de “uberização” são construídas através de interpretações por mim realizadas a partir dos fatos relatados pelas modelos nas entrevistas, no entanto, em nenhum momento esses termos são explicitados por elas. Quando questionadas “qual é o seu trabalho” ou “onde você trabalha” as respostas unânimes foram “sou modelo de web cam”, “trabalho para o site X”. Porém, na descrição de suas rotinas de trabalho e formas de contratação fica evidenciada a pertinência de tais categorías e conceitos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

Uma atividade ou trabalho não existe de forma avulsa desprovida de um mercado produtor ou consumidor, assim também acontece com a atividade de *CamGirl*, dessa forma faz necessário situar essa atividade e seu mercado, dentro da economia a qual pertença.

A atividade de modelo de *web cam* é regulada no Brasil como “telessexo” e é parte de um mercado, de um setor de uma economia aqui conceituada como “economia sexual” (PISCITELLI, 2016). Identifiquei na economia sexual dois setores centrais: produtos e serviços voltados para o sexo e prestação de serviços sexuais, cada um desses setores possuem mercados específicos.

QUADRO I - PRODUTOS E SERVIÇOS VOLTADOS PARA O SEXO.

ECONOMIA SEXUAL		
PRODUTOS E SERVIÇOS PARA O SEXO		
Terapias e intervenções	Educação sexual	Encontros sexuais
Neuropsicalíticas	Orientação e conscientização quanto as possibilidades e os riscos da prática sexual.	Aplicativos para encontros sexuais (ex: fuckbook)
Psicológicas	Planejamento familiar	Turismo para o sexo
‘Alternativas’	Sexualidade	Saunas
Medicamentosas		<i>Boates</i>
Cirúrgicas		Casas de Swing
		Acessórios sexuais
		Músicas e danças eróticas

FONTE: A AUTORA, 2017.

A principal característica do setor de produtos e serviços voltados para o sexo é a intermediação da relação sexual entre terceiros, seja na aproximação dos interessados, seja no auxílio através de educação, produtos estimulantes e/ou facilitadores. Não há a prestação de serviço sexual direto entre o atendente e o cliente, tampouco há contato sexual entre trabalhadores.

Como se pode ver no quadro II (abaixo), no setor de prestação de serviços sexuais há dois ramos bem distintos, o do sexo e do onanismo (masturbação). No primeiro há o contato físico entre o cliente e o atendente, e/ou entre trabalhadores, no segundo não há contato físico entre atendente e cliente, mas pode haver entre trabalhadore – caso do cinema e dos impressos pornô.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

QUADRO II – PRODUTOS E SERVIÇOS SEXUAIS.

ECONOMIA SEXUAL	
PRODUTOS E SERVIÇOS SEXUAIS	
SEXO	ONANISMO OU MASTURBAÇÃO
Prostituição: prostitutas e acompanhantes	Pornografia: Filmes, impressos e sites pornô
Massagem erótica	Telessexo: <i>Cam Model, sexfone.</i>
	<i>Strip tease: feminino e masculino</i>

FONTE: A AUTORA, 2017.

Todas as categorizações acima são retiradas das informações contidas nos “menus” das plataformas onde se hospedam as salas virtuais dos modelos de *web cam*. Nesse quadro procuro identificar o lugar da atividade de *Cam Girl* dentro da economia sexual, no seu mercado de referencia e setor ao qual pertence, além de classificá-la como telessexo e descrever suas subdivisões, seus atores, formas de apresentação e modalidades de serviços prestados.

QUADRO III - ATIVIDADE DE *WEB CAM MODEL*/FORMAS DE APRESENTAÇÃO

ECONOMIA SEXUAL	
PRODUTOS E SERVIÇOS SEXUAIS	
MERCADO ONANISTA	
PORNOGRAFIA	
Telessexo	
Cam Model	
<i>Cam Girl/Cam Boy</i>	
Quantidade de modelos na sala virtual	Uma mulher; um homem; duas mulheres ou mais; dois homens ou mais.
Gênero	Feminino, masculino, transgênero
Sexo biológico	Masculino, feminino, transexual
Faixas etárias	“novinhas”, “coroas”, “mães” entre outras denominações
Origem	Asiáticas, hispânicas, afrodescentes, suecas etc.
Orientação sexual	Heterossexuais, homossexuais, bissexuais
Preferências sexuais	Voyeres, podólatras, grávidas, ménage, orgias etc.
Tempo de trabalho no site	Novas e “da casa”
Forma de contratação	Eventual e exclusiva
Serviço oferecido	Namoradinha, sugar baby, strip tese, hard core, dominatrix etc.

FONTE: A AUTORA, 2017.

As jovens *CamGirls* aqui são chamadas “modelos” por que as entrevistadas se autodenominam “modelos”, no entanto, a atividade que essas jovens exercem se aproxima muito



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mais do trabalho de atriz do que de modelo, notadamente, por conta da apresentação que fazem aos clientes que gera uma personagem destacada da personalidade delas.

V. Conclusões

Através da etnografia virtual e das entrevistas realizadas pude perceber que essas jovens quando trabalham sozinhas, desenvolvem, alimentam e operam seus próprios sites; criam apresentações domésticas e regras de funcionamento para o bate-papo, via texto ou audiovisual. As regras podem mudar de um site para outro, pois podem ser determinadas pela modelo ou pela plataforma que disponibiliza as salas virtuais para as modelos e fazem a divulgação do negócio, e por esse serviço cobram de 5% a 40% do que as jovens recebem dos clientes. Essas plataformas formulam e publicam anúncios de divulgação das modelos na internet e contratam com outros sites que veiculam sua propaganda. Muitas jovens que têm sites próprios também atendem na plataforma como forma de se tornarem conhecidas. As plataformas têm maior alcance na distribuição de propaganda e maior tráfego de usuários na Internet. No Brasil as principais plataformas do gênero são a Câmera Hot e a Câmera privê, no plano internacional a plataforma maior e mais conhecida fica nos Estados Unidos, é a *Myfreecams* - que hospeda plataformas de várias partes do mundo, inclusive as brasileiras.

A rotina de trabalho dessas jovens pode ser enquadrada como flexível, não há a obrigatoriedade de cumprimento de horários ou de jornadas, mas quando a jovem passa muito tempo *offline* seu perfil cai para páginas mais distantes da entrada do site, e isso diminui sua competitividade, o que pode obrigá-las a atender pelo menos uma vez por semana em sua sala virtual.

As modelos que não têm nesse trabalho sua atividade profissional principal (8/10 das entrevistadas) trabalham em média 15 horas por semana (3h/dia) recebem cerca de R\$6.000,00 (seis mil reais) por mês, trabalhando 5 dias por semana. Os preços são determinados em minutos e nas plataformas brasileiras estão entre R\$1,35 (chat coletivo) e R\$2,40 (chat privado).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Já as que “dão expediente” podem ganhar cerca de 20 mil reais por mês – segundo informação de administradores de plataformas, cerca de 10% das trabalhadoras nessa atividade chegam a trabalhar até 40 horas por semana.

Além, do ganho pelo tempo de atendimento ao cliente no sala virtual elas também ganham presentes em dinheiro ofertados por eles e ainda podem ganhar vendendo suas fotos e vídeos, fazendo shows programados, participando de *realitys shows* eróticos e de feiras de artigos eróticos. Muitas modelos são anônimas, não mostram o rosto ou os escondem com máscaras, porém a estratégia do anonimato não é utilizada por todas as modelos, há aquelas que consideram o trabalho como arte, e se exibem abertamente criando personagens que são amplamente divulgados na internet.

No decorrer de um ano e quatro meses de observação e pesquisa sobre as *CamGirl* e as plataformas onde trabalham observei um aumento expressivo na comissão cobrada pelas plataformas sobre os ganhos das modelos, o que significa uma diminuição na remuneração das modelos. Em junho de 2016 a plataforma que cobrava a comissão mais alta estipulava valores na casa de 30% da remuneração, atualmente chegam a 45%, quando a modelo é exclusiva de determinada plataforma-digital. O endurecimento das regras também se faz notar, procurando evitar a captação de clientela por parte das modelos, proíbe-se veiculação de propagandas com email, números de celular ou facebook das modelos.

Na medida em que mais modelos se cadastram em uma determinada plataforma ela vai se tornando hegemônica, e conquistam o monopólio daquela atividade, vez que concentra maior tráfego de usuários, e as modelos vão se tornando cada vez mais dependentes da plataforma para trabalhar. Essa por sua vez aumenta seu preço e seus lucros.

O que parecia ser um associativismo, cooperativismo ou compartilhamento do cyberspaço mostra-se como um concentrador de riquezas e de poder, retirando a autonomia e a livre escolha de trabalhadoras e clientes.

Fato que se repete em plataformas como a Uber e outras que vociferam a economia do compartilhamento como uma forma mais justa de trabalho e de consumo, mas que tem se mostrado uma forte aliada do capital que a utiliza como forma de burlar legislações trabalhistas e tributárias.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 1999.

_____. Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. Construção de agenda sobre empreendedorismo juvenil nas Conferências Nacionais de Educação e Juventude. Curitiba: UFPR, 2015. Disponível em: HTTP://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2016/pdf/GT04-21.pdf. Acessado em: 25 de setembro de 2016.

BIDDLE, Sam. Trabalho escravo, lavagem e pilhas de dinheiro: os segredos das strippers de webcam. NSFW:2012. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/trabalho-escravo-lavagem-de-dinheiro-e-pilhas-de-dinheiro-os-segredos-das-strippers-de-webcam-nsfw/> . Acessado em: 20 de junho de 2016.

BRASIL. Decreto Lei nº 5.452, Consolidação das Leis Trabalhistas. Brasília: Planalto, 1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acessado em: 20 de julho de 2017.

BURCHEL, B. et. al.(1992) Categorising self-employment: some evidence from the social chance and economic life initiative, in P. Leighton et. al. (Eds.) New Entrepreneurs, Self-Employment and Small Business in Europe, London, Kogan Page, pp. 101-121.

CHT TECNOLOGIA LTDA – ME. Camera Hot. Disponível em: <https://www.camerahot.com/br/> . Acessado em: 10 de maio de 2017.

DARK MEDIA GROUP LLC [US]. Camera prive. Disponível em: <https://cameraprive.com/br/> . Acessado em: 10 de maio de 2017.

DCM. Entrevista com Rebeca Galabarof. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/eu-uma-modelo-de-webcam/> . Acessado em: 20 de maio de 2017.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GORZ, André. Metamorfoses do Trabalho: crítica da razão econômica. 2ªEd. São Paulo: Annablume, 2007.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IBGE. Pesquisa Nacional por Domicílio – PNAD, 2016.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf> . Acessado em: 20 de set de 2017.

_____. CONCLA. CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas. Disponível em: http://www.cnaedom.ibge.gov.br/classe.asp?codgrupo=96090&CodDivisao=96&CodSecao=S&TabelaBusca=CNAE_200@CNAE . Acessado em 20 de set de 2017.

ILLOUZ, E. Hard Core Romance: “Fifty Shades of Grey”, best-sellers and society. Chicago: University of Chicago Press, 2014. E-book.

LAVAL, C.; DARDOT, P. (2009), La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale. Paris, La Découverte.

LIMA, Jacob. Cenários sobre o presente do trabalho. Revista da RET, ano II, nº3. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2008.

_____. A globalização da precariedade: a informalidade em tempos flexíveis, in: NAVARRO, Vera L; PADILHA, Valquíria (orgs). Retratos do trabalho no Brasil. Uberlândia: Edufu, 2009.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

MORAES, Eliane Robert. A Pornografia. *Café Filosófico/TV Cultura*, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PayIEbiS4_w . Acessado em: 20 de set de 2017.

MTE. Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/5198-profissionais-do-sexo> . Acessado em: 20 de set de 2017.

MYFREECAM.COM . Disponível em: <http://www.myfreecams.com/#Homepage>. Acessado em: 10 de maio de 2017.

OIT. Resolution concerning the international Classification of Status in Employment (ICSE). Geneva: OIT, 1993. Disponível em: http://www.ilo.org/global/statistics-and-databases/standards-and-guidelines/resolutions-adopted-by-international-conferences-of-labour-statisticians/WCMS_087562/lang--en/index.htm . Acessado em: 10 de setembro de 2016.

_____. 19ª CIET - Conferência Internacional de Estatísticos do Trabalho, Geneva, 2013. Disponível em: http://www.ilo.org/global/statistics-and-databases/meetings-and-events/international-conference-of-labour-statisticians/19/WCMS_234036/lang--es/index.htm. Acessado em: 25 de setembro de 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

PAVEZ, Jorge; Lilith KRAUSHAAR. Capitalismo y pornología: La producción de los cuerpos sexuales. San Pedro de Atacama: QILLQA, 2011).

SLEE, Tom. What's Yours Is Mine: Against The Sharing Economy. New York : OR Books, 2017.